

Sobre o documento "Por um balanço da PO"

Resposta do Comitê Nacional da OCML-PO a Raul Villa¹

I. Indicações históricas

Raul Villa precede o seu balanço da PO com a advertência de que *"um balanço requer antes de mais nada algumas indicações históricas, sem o que nos arriscaríamos a recair nas caracterizações idealistas."* Infelizmente, as indicações históricas que lá se encontram obedecem a uma triagem realizada apenas com o critério de tornar convincentes as conclusões alegadas quanto à "falência da PO". Raul Villa avança no seu intento seguindo o antigo método de omitir dados essenciais, e não só: procede também a uma sistemática alteração dos dados apresentados. Aí está o testemunho do comp. Ernesto Martins (*"Carta a um revolucionário que se preza"*), onde é mostrado o grau de fidelidade histórica das indicações publicadas pelo comp. RV no seu artigo "Para um Balanço da PO".

Nos seus 17 anos, POLÍTICA OPERARIA acumulou muitas experiências de trabalho operário. O vasto material de agitação e propaganda, que cobrem um período histórico muito complexo, desde a crise que antecedeu e se seguiu ao golpe militar, as análises de conjuntura e as propostas de luta, além do material programático e de toda a elaboração de conceitos estratégicos - tudo isso compõe uma das correntes mais ricas da história do movimento comunista no Brasil. Não é disso, porém, que trata RV no seu Balanço. Ali transparece apenas a disposição de melhor atacar a PO, sendo que no caso o expediente usado é a apresentação de uma "história" alinhavada através de certas "provas" escolhidas tendenciosamente.

Enquanto balanço, o artigo de RV é inteiramente falho. O interesse em debatê-lo está apenas em que ele serve de referência para se entender a atual posição política do companheiro, que é a mesma posição da corrente hoje majoritária na esquerda brasileira. Neste documento procuraremos discutir esse problema: as posições políticas defendidas por RV, por ele denominadas de "problemática real" e "antidoutinista"; trata-se, enfim, da sua maneira de encarar a questão da formação independente do proletariado, do seu conceito de tática, e da sua posição favorável a luta pelas "liberdades democráticas".

Antes, porém, de entrarmos nestes pontos, vale acrescentar alguma coisa sobre as "indicações históricas" (pois sobre o "balanço" propriamente, a carta do comp. E.M. já se referiu ao essencial). Cabe acrescentar o seguinte:

a) Sobre a tendência pró-Constituinte de 1966

Sobre isso, afirma RV no seu "balanço":

Desde 65, atentando para o caráter democrático que assumia a oposição política ao regime, vários companheiros propõem que a PO assumia essa luta como meio de ligar-se ao movimento tal como se dava. Sua formulação tática se sintetizou na "luta por uma Assembléia Constituinte" enquanto objetivo mais radical de luta democrática. Apoiando-se nos problemas reais colocados pela dinâmica do ME esses companheiros roçavam pelas questões candentes dos nossos silêncios sobre a tática. Mas sem terem clareza tampouco sobre tal questão, e ainda mais, sem firmeza sobre o caráter proletário e socialista de um processo revolucionário no Brasil, deslocam essa discussão para o campo "da estratégia e do programa."

E logo adiante:

Opusemos então uma estratégia socialista à estratégia democrática, mas escamoteamos as questões táticas.

Temos aí, numa amostra localizada, a linha geral da crítica de RV à PO. Por isso mesmo, esta questão será discutida mais pormenorizadamente em outro item, cabendo, porém, desde já um esclarecimento de ordem histórica. Pois essa impressão que RV nos transmite sobre uma discussão travada exclusivamente no terreno da estratégia, sem se abordar as questões táticas, não corresponde à

¹ Raul Villa: pseudônimo utilizado por Eder Sader em seus escritos políticos nas décadas de 60/70. O autor foi fundador e dirigente da organização ORM – Política Operária até se exilar no Chile após o Ato Institucional Nº. 5. O doc. de sua autoria "Para um balanço da PO" marca o seu rompimento definitivo com as posições centrais da Polop, coroadas por um processo de progressiva aproximação com as teses da "luta por liberdades democráticas", em voga na época. O texto em pauta foi publicado na revista "Brasil Socialista" Nº 7, em outubro de 1976 e está disponibilizado em www.centrovictormeyer.org.br > acervos > Arquivo Eder Sader.

verdade.

Em primeiro lugar, porque a bandeira de luta pela Constituinte foi também apresentada pela facção minoritária como uma questão de tática. O CN respondeu afirmando ser aquela uma tática pequeno-burguesa, uma vez que desviava a luta contra as bases sociais da ditadura para a luta contra as suas bases jurídicas.

A tendência minoritária também reclamava por uma "tática global", isto é, por uma palavra de ordem tática, sem o que seria impossível a mobilização operária contra a ditadura, seria impossível a organização de um partido operário independente, etc. O CN respondeu á estas posições defendendo a luta pelos interesses parciais do proletariado, argumentando que nenhuma palavra de ordem "nova e global" poderia substituir as reivindicações atuais e concretas que a dinâmica real do movimento operário colocava na ordem do dia. A se utilizar a terminologia daquela oposição ao CN, a nossa perspectiva "global" seria a revolução socialista, sempre presente na nossa agitação e propaganda. Mas ressaltávamos que a tarefa do momento não se resumia na agit-prop² dos objetivos socialistas, cabendo desenvolver as lutas salariais da classe e suas lutas pela liberdade de organização e de greve - sendo este o caminho para a formação política da classe. A minoria pró-Constituinte ignorava na prática esta preocupação com a formação política do proletariado, a partir da defesa dos seus interesses específicos, e apenas conseguia antepor à "perspectiva global" da revolução socialista aquilo que chamavam de "tática global", ou seja, a luta pela Constituinte.

Veja-se, a propósito, o seguinte trecho do documento do CN da PO, datado de agosto 1966, intitulado "O problema tática: mais uma vez a luta pela Constituinte":

Depois de definir toda a sua tática na tal "palavra de ordem global" os comps. perguntam-nos qual a nossa palavra de ordem tática e global, qual a nossa alternativa. Mas nossa alternativa não se reduz a uma "nova" palavra de ordem. Mostramos como o desenvolvimento da ditadura abre frentes de ação - a luta econômica - que se transforma numa luta contra a ditadura, a luta pela liberdade de organização, de greve, de manifestação, etc. - e mostramos a necessidade de estamos aí presentes para desenvolver tais lutas no sentido da ação política revolucionária - do movimento que visa derrubar a ditadura militar e suas bases sociais. Mostrar qual é a palavra de ordem que defina algum único "caminho" que nos leve à revolução é coisa que nos recusamos seriamente a fazer. E se os comps. tivessem lido até o fim o texto de Lênin que citam no começo de seu escrito aprenderiam algo a respeito. Apontando as verdadeiras tarefas que se colocavam para os bolcheviques durante o refluxo que sobreveio após a derrota da revolução de 1905, dizia Lênin: "Nossa tarefa não consiste agora em imaginar artificiais palavras de ordem novas (como "Abaixo a Duma", em lugar de "Abaixo a autocracia") mas em consolidar a organização clandestina do Partido apesar dos alaridos reacionários dos mencheviques, que procuram sepultá-la, em desenvolver uma ampla agitação social-democrata revolucionária, que unifique o partido com as massas do proletariado e as mobilize "Opinião sobre o Momento Atual", Lênin).

Alem desse documento citado ("O problema da tática...") há ainda o documento "Mais Uma Vez a Pequena Burguesia",³ do comp. Ernesto Martins, onde também se critica a diluição e o abandono da luta pelas reivindicações específicas do proletariado, em nome da perspectiva global das "liberdades políticas". Ao mesmo tempo, a Organização desenvolvia discussões e traçava diretrizes quanto às formas de organização e métodos de luta para o momento, desenvolvendo assim as suas proposições táticas.

b) Sobre o Foco Guerrilheiro

O comp. RV afirma que a crítica feita no 4^o Congresso às posições foquistas, foi apenas "uma crítica às ruas aberrações, e não ao núcleo de suas concepções." Em outras partes do artigo, reaparece a mesma acusação: teríamos mantido o núcleo das concepções foquistas, a "típica ingenuidade voluntarista do foquismo". Raul Villa não cita, entretanto, o documento "Luta Armada e Luta de Classes", que foi a mais madura interpretação da experiência cubana, e uma proposição das condições nas quais o foco guerrilheiro poderia desempenhar um papel estratégico no processo revolucionário. Esse documento foi publicado pela primeira vez no início de 1968, embora já estivesse esboçado bem antes, tendo sua publicação protelada em função da prisão de Debray na Bolívia: "A hora era, antes de tudo, do solidariedade" - afirma E.M. logo na apresentação do texto.

A colocação do problema das condições para a deflagração do foco constitui ali uma crítica ao núcleo das concepções foquistas e voluntaristas. O comp. RV omite qualquer referência a esse amadurecimento das posições da PO, e quer fazer crer que a nossa atuação em 68 teria sido presidida

² Agitação e propaganda.

³Vide versão eletrônica em www.centrovivormeyer.org.br > Acervos > Arquivo Erico Sachs.

pelo voluntarismo de um esquema onde o foco desempenharia importante papel, na medida em que ocupava um lugar "que sem ele ficaria vazio". Veja-se o balanço deste período nas seguintes palavras de RV":

Que perspectiva política nos guiava naquela conjuntura? No fundo daquele voluntarismo da luta operária "contra o arrocho e a ditadura dos patrões", repousava uma indisfarçável concepção gradualista: essa reanimação do movimento operário se somaria a dos trabalhadores do campo, a O. se reforçaria, incapaz de resolver seus problemas de fundo a ditadura seguiria instável, passaríamos das greves à guerrilha até a insurreição.

Na "Carta a um revolucionário que se preza", o comp. E.M. dá uma idéia geral sobre o que ocorreu em 1968. Entretanto, o comp. RV quer dar a entender que tudo decorreu das concepções "voluntaristas e gradualistas". Vejamos, entretanto quais foram as concepções expostas no principal documento sobre o foco guerrilheiro, ali onde, a julgar pelo que afirma RV, estaria mantido o "núcleo do voluntarismo foquista".

Na parte que trata da colocação teórica do problema (estamos nos referindo ao "Luta Armada e Luta de Classes") o comp. EM levanta em primeiro lugar o problema da conjuntura, destacando o movimento cíclico da crise. Afirma:

Mas aqui chegamos à questão fundamental para a elaboração de uma estratégia. Significa isso que hoje podemos apelar a qualquer momento à luta de guerrilhas, a fim de criar as condições para a revolução, isto é, para criar situações revolucionárias? Significa isso que já podemos abstrair da conjuntura, do movimento cíclico da crise? Este "hoje" tem um conteúdo histórico ou um significado literal?

Esta pergunta Guevara não respondeu...

Ao mesmo tempo em que levanta, como se vê neste trecho, a pergunta sobre a relação entre a deflagração da guerrilha e o movimento cíclico da conjuntura, o comp. EM também discute a relação entre a deflagração do foco e a existência de uma ditadura aberta. Guevara havia colocado que a guerrilha não estaria na ordem do dia durante períodos de legalidade burguesa. Isto permitiria concluir que o advento de uma ditadura aberta já representaria por si só a criação de condições para a guerrilha? Ditadura aberta seria o mesmo que crise econômica e social permanente? Passemos ao próprio texto do "Luta Armada e Luta de Classes":

Mas, uma vez consumada a ditadura aberta das classes dominantes, a situação objetiva para o desencadear da guerrilha estará criada automaticamente? A experiência da última década, na América Latina, não confirma esta hipótese.

A experiência viva da luta de guerrilhas no Continente nos mostra que ela pode vencer no papel de catalisador de uma situação revolucionária. Nesse sentido acelera e reforça tendências objetivamente existentes. E isso permite concluir que a guerrilha não poderá preencher esse papel em fase de expansão econômica, numa conjuntura de prosperidade. Embora a situação oposta, a do declínio das atividades econômicas, por si só, ainda não cria mecanicamente uma situação revolucionária, ela é a única indicada para que o "foco insurrecional" possa criar as condições para uma revolução, como predisse Guevara. (Grifos nossos)

Até aí, o comp. EM expõe duas condições para a deflagração da guerrilha (a existência de uma ditadura aberta e uma situação de crise econômica), mas acrescenta que por si só elas ainda não criam uma situação revolucionária. Para que a experiência do foco possa ser aproveitada, é necessário que às condições acima se juntem outras:

E, por ultimo, faz parte das condições objetivas favoráveis ao desencadear da guerrilha a situação das classes exploradas. Trata-se para nós do proletariado, da sua consciência, do seu estado de organização, das tradições de luta que já desenvolveram no passado. Trata-se igualmente do campesinato, em escala nacional e não só regionalmente, pois em condições latino-americanas o proletariado precisa desse aliado para uma revolução vitoriosa.

Temos de ter a clara consciência - e cada nova derrota confirma isso - que a luta de guerrilhas, sob a forma de 'foco', como se dá na sociedade burguesa-latifundiária da América Latina, somente pode 'criar as condições' para a revolução quando acelera e reforça as tendências existentes para a cristalização de uma situação revolucionária no sentido leninista. Esta existe freqüentemente em estado potencial, mas nunca é permanente e não pode ser criada artificialmente. É um produto da conjuntura do desenvolvimento capitalista..

Uma situação revolucionária de fato, não depende porem somente de fatores econômicos. Um momento indispensável para a sua realização é a situação objetiva da classe que está em antagonismo com o sistema social, do proletariado, da sua capacidade de liderar as demais classes no assalto final ao poder burguês. Este aspecto da situação objetiva - a situação do

proletariado - todavia não surge espontaneamente. É criado por um fator subjetivo, a vanguarda que atua sobre a classe e que lidera a classe - pelo partido revolucionário. (Grifos nossos)

Estes trechos do documento "LA e LC" desmentem as acusações de RV sobre as "concepções voluntaristas da O.", sobre a alegada "preservação do núcleo das concepções foquistas". Desmente também a suposta concepção que teríamos acerca da ditadura como algo que "seguiria instável", acima dos ciclos conjunturais. Desmente também a lenda de que sustentaríamos a concepção de uma "economia estagnada". (Ver crítica de RV à nossa análise sobre a formação social). O que chamamos de crise latente do capitalismo, ou de "crise estrutural" (sempre mencionada entre aspas, pois se trata de terminologia de economistas burgueses) não é outra coisa senão o subdesenvolvimento, que amortece o desenvolvimento capitalista. Mas sempre destacamos o problema do ciclo conjuntural, e sempre dissemos que é a crise cíclica que traz a tona toda a "crise de estrutura".

Nessa parte, porém, interessa-nos mais rebater ao "esquema cerebrino" armado pelo comp. RV sobre o que teria sido a nossa história, e através do qual as posições da PO sobre o foco são mostradas como preservadoras do "núcleo das concepções voluntaristas" e foquistas". A PO na verdade sistematizou uma das mais importantes experiências colocadas pela revolução proletária na América Latina, e explicitou as condições nas quais o exemplo de Cuba poderia ser aproveitado e repetido. Tampouco se trata de uma receita dogmática para o futuro. O que interessa é conhecer as condições nas quais o foco guerrilheiro poderá se colocar. A acusação de que o foco ocupa em nossa estratégia um lugar que sem ele ficaria vazio, é mais uma manipulação dos dados da história da PO levada a efeito pelo comp. RV.

c) Sobre o chamado "período obreirista"

Com a fundação da OCML em 1970, a Organização iniciou um longo período de prática subjetivista, onde esquemas artificiais e moldados internamente procuraram sem êxito enquadrar as lutas atuais da classe. A primeira sistematização desta prática vem no PTCP (Plano Tático de Construção Partidária), e o período que a ele se refere RV denomina de fase "obreirista". A denominação, diga-se de passagem, não é boa, pois embora estivessem presentes naquela época elementos de uma ideologia obreirista, o traço marcante é mesmo o nosso distanciamento da realidade operária, em nome de um plano agitacionista que visava a "mobilização do proletariado".

Raul Villa trata esse período com indulgência, o que chama a atenção num longo "balanço" onde se destaca uma grande indignação contra a PO. Para o comp. *"nesse momento a prática obreirista irá cancelar empiricamente o doutrinário, ao impulsionar a O. no sentido de uma política fundada na dinâmica objetiva da classe..."* etc.

Qualquer incursão no material da época, no Jornal Nacional ou nos docs. de orientação prática, mostrará que isto não é verdade. A O. estava presente em concentrações operárias e integrou quadros na produção, mas a linha política era de um tal vanguardismo que jamais se poderia dizer que estávamos acompanhando a "dinâmica objetiva da classe". Numa época de profunda dispersão do MO, visávamos mobilizar o proletariado como classe e construir o partido. As campanhas de agitação sucediam-se, tão freqüentes quanto voluntaristas e artificiais. Começávamos então a nos distanciar dos referenciais políticos e do método materialista da velha PO, iniciando o desarmamento teórico, político e ideológico, que mais tarde chegaria a pontos críticos. Na base dessa deterioração estava não só as dificuldades novas que a conjuntura do descenso trouxe, mas também a desarticulação do antigo núcleo dirigente da O., o que forçou a passagem da direção para uma geração mais nova, bastante inexperiente, ainda marcada pelo ativismo estudantil de 1968, e em cujo meio não se tinha incorporado o método e as definições políticas mais maduras da velha PO.

Posteriormente, muitas críticas foram escritas a propósito daquele período. A "tendência crítica", porém, não o fez do ponto de vista das teses básicas da O. Citaremos por isto o texto onde a crítica àquele período está exposta de forma mais justa. Trata-se do doc. "Nove Teses", que o núcleo da PO no exterior enviou para a 3ª Conferência:

Esta incapacidade de avaliar realisticamente a correlação de forças deu-se principalmente em dois níveis. Deu-se, primeiro, em relação à análise de conjuntura tanto econômica, quanto a situação concreta da classe operária. Isso já foi analisado. Queremos salientar que tais erros são freqüentes em fase de mudança da conjuntura. Nem sempre as tendências se mostram tão nitidamente, para permitir uma previsão certa. Há margem a erros. A insistência, porém, com que nossos comps. em 70/71 persistiam nos erros de análise da conjuntura mostraram claramente que a falha estava em outro nível, estava no terreno da compreensão geral das lutas de classes e das relações entre classes e vanguarda. E essa falha não permite reconhecer a conjuntura quando seu caráter já estava público e notório.

Relendo-se hoje os docs. da cisão com o POC até o PTCP, tem-se a impressão que para os seus autores a ação da vanguarda tinha se tornado a força motriz das lutas de classe...

É esta a verdade sobre o período 70/71. A rotina agitacionista e a continua modificação das tentativas de "mobilizar a classe e construir o partido" levaram às deserções e a perda de perspectiva em 1972, quando a O. mergulhou numa rotina burocrática. O comp. RV prefere dizer, entretanto, que estávamos então "anulando empiricamente o doutrinário"...

d) Sobre o período 74-77

Entre agosto de 74 e março de 77 a O. seguiu uma política ultra-esquerdista Este é o período que RV trata como de "propagandismo revisitado". Detendo-se demoradamente neste período, "tentado em revelar o seu ridículo", o comp. conclui que este é o momento em que se tiram todas as conseqüências do "doutrinário" supostamente congênito, da PO.

A 4ª Conferência da PO fez um balanço e uma autocrítica desta fase. Do grupo do exterior, que nesse período se constitui em fração autônoma, partiu uma crítica a esta fase, publicada, na revista *Marxismo Militante* - exterior sob o título "*Liquidar o Passado para Destruir o Futuro?*". Atualmente a O. concluiu um debate sobre a política e a prática daqueles anos. As nossas críticas evidentemente, não partem dos mesmos pressupostos do comp. RV, e hoje a PO está superando os desvios ultra-esquerdistas do período. Entretanto, o que deve ser enfatizado aqui, e com bastante destaque, diz respeito à conclusão de RV quanto à caracterização do período como de "coroamento do passado doutrinário". Colocação que deve ser rechaçada, pois o fato é que as posições esquerdistas da 3ª Conferência foram apresentadas e desenvolvidas explicitamente como uma crítica às posições básicas da PO. Fato do qual, aliás, o comp. RV tem completo conhecimento. As inovações da 3ª Conferência (1975) vem acompanhadas de todo um movimento ideológico de crítica aos documentos básicos da PO, havendo no plano teórico grandes semelhanças entre aqueles argumentos e as atuais críticas de RV. Mas, para melhor poder combater a PO, Raul Villa prefere passar por cima deste fato e "interpretá-lo", de modo a apresentar aquele movimento como uma continuação da velha PO. Fazendo grande estardalhaço com os aspectos "ridículos" e "miseráveis" da nossa prática naquela fase, o comp. apressa-se a tudo atribuir às "posições básicas", ocultando o que não pode ser ocultado, isto é, que a 3ª Conferência representou um claro e explícito combate às concepções estratégicas tradicionais da PO. Afinal, se as coisas são mostradas como pretende RV, mais aceitável se torna todo o barulho feito em torno da assim chamada "falência da PO". Infelizmente para RV, o atual processo de autocrítica e retomada das posições básicas, que vem permitindo uma revitalização da PO, aí está, lançando dúvidas sobre a veracidade do seu laborioso esquema.

II. Por um movimento operário independente

Passemos aqui ao centro das críticas de RV à linha da PO, onde simultaneamente procuraremos situar o que o comp. entende por "anti-doutrinário".

O cerne da crítica de RV está na alegação de que a O. "faz pedagogia no lugar de política." Para comprovar a crítica, RV faz várias citações dos "*Aonde Vamos*" (documentos escritos entre 66 a 67)⁴, e conclui: "*Ernesto Martins não ignora que é com a própria experiência que o proletariado toma consciência de seus interesses, mas pensa que o papel da vanguarda se limita a esclarecer suas experiências.*"

Transcrevendo um longo trecho onde o AV defende a necessidade de uma agit-prop socialista e a necessidade de uma luta ideológica pela defesa de uma linha, de ação revolucionária para as massas trabalhadoras, RV conclui afirmando que a problemática do AV é apenas a luta ideológica. Para que este absurdo pudesse ser mostrado de forma lógica, RV precisou lançar mão daquele recurso que, de resto, acompanha todo o seu "balanço": foi preciso ocultar partes essenciais do AV. Para este mister de alterar a linha do AV, Raul Villa recorre em seu auxílio a um certo "Aonde Fomos"(!), assinado por J.A.

A conclusão comum, tanto de RV como deste "Aonde Fomos", é que falta à PO qualquer "traço de uma plataforma de lutas".

Inicialmente, cabe recorrer ao *Aonde Vamos* nº 2, de onde RV extrai a sua "prova". Pouco acima do

⁴ *Aonde Vamos*: Série de documentos, composta de quatro partes, escritas por Erico Sachs ("Ernesto Martins"). Circulou no Brasil em edição mimeografada entre abril e julho de 1967, tendo importante papel na divulgação das idéias socialistas entre as várias tendências da esquerda revolucionária brasileira. Disponível em http://www.centrovictormeyer.org.br/attachments/101_Aonde%20vamos.pdf.

trecho que "comprova" a exclusividade de uma problemática pedagógica na PO, vemos a seguinte colocação que o "Balanço" prefere omitir:

Em segundo lugar, a nossa agitação e propaganda deve ser feita deixando claro para os operários que a sociedade burguesa não mais soluciona os seus problemas. O objetivo não são as reformas de base, mas sim a destruição das bases da exploração capitalista e imperialista. Isso não é uma omissão perante os problemas imediatos do proletariado (e dos seus aliados) e os criados especificamente pela ditadura militar. Ao contrario, uma agitação nesse sentido só dará frutos quando todas as reivindicações e lutas parciais são levadas até o fim; quando são levantadas e lideradas por revolucionários conscientes. (grifos nossos)

Seria necessário adulterar o AV, fazendo citações truncadas para que se pudesse publicar a conclusão de que não há "nem traço do que seria uma plataforma", ou que para Ernesto Martins o papel da vanguarda se limita a esclarecer para a classe as suas experiências.

Não é só o AV que é explícito quanto a este aspecto das concepções da PO. Também o "*Formar a Vanguarda Proletária - Linha Estratégica da Organização*"⁵, igualmente usado como subsídio para o "balanço" de Raul Villa, refere-se claramente ao problema:

... As palavras de ordem tem sido encaradas, freqüentemente, destacadas do terreno material da luta de classe. Assim, fala-se de palavras de ordem que teriam o condão de despertar e mobilizar a classe. Mas o despertar e a mobilização da classe se dão por toda a ação política da vanguarda - sua agitação contra o regime e pela revolução socialista, seu trabalho continuo de organização, etc. - à base das condições concretas da exploração capitalista. As palavras de ordem servem, então para sintetizar soluções imediatas (as de agitação) ou gerais (de propaganda), apontando para a classe o caminho da revolução. (Grifos nossos)

Até aqui, citamos os documentos de exposição teórica da nossa linha. Em outros materiais, como nas revistas "Política Operaria" de antes do golpe de 64, como nos jornais e outros instrumentos, de antes e depois do golpe, há em diversos graus de elaboração uma plataforma sindical (contra o atrelamento), bandeiras de luta pelo direito de greve e contra o arrocho. Seguindo os ensinamentos da 3ª Internacional, sempre levantamos as palavras de ordem referentes aos problemas mais imediatos da classe. E também, fieis aos ensinamentos de Lênin na 3ª Internacional, não podíamos e nem podemos escrever uma receita geral de reivindicações. Apenas aquelas mais sentidas pela classe como um todo figuram numa plataforma, enquanto fica a cargo dos militantes traçarem as palavras de ordem imediatas (parciais) que a dinâmica da luta coloca diariamente, e que não podem ser definidas de antemão.

A grande parte das palavras de ordem imediatas (ou práticas, ou parciais) é colocada pela própria dinâmica da luta. Isto está na 3ª Internacional. Veja-se, por exemplo, a "Tese sobre Estruturas e Métodos" do 3º Congresso da IC. Veja-se também o seguinte trecho de Radek, citado por Thalheimer como sendo a posição de Lênin:

...se poderia ainda citar muitas outras palavras de ordem. Eu não o farei. Elas saem da luta prática. O que nós dizemos, o que lhes damos como palavras de ordem, por diretrizes gerais, é o de não se oporem em todas as lutas do proletariado ao objetivo pelo qual lutam as massas pelas suas necessidades práticas, de ampliar, de ensinar a essas mesmas massas a nutrir desejos mais elevados: o desejo da conquista do poder. ("Pontos do Programa", A. Thalheimer)

Provavelmente Raul Villa chamará isso de espontaneísmo. No seu "balanço", ele afirma que a PO combina o "espontaneísmo" nas lutas de massa com o doutrinário nas palavras de ordem. A nossa resposta deve ir por partes, pois as acusações são lançadas de vários lados: cabe em primeiro lugar deixar claro que a acusação de ser o AV uma tese apenas preocupada com a luta ideológica e com a pedagogia, esquecendo-se de levantar reivindicações, é uma falsificação decorrente de citações retiradas do contexto, e de resto desmentidas pela prática da velha PO (luta contra o arrocho, contra o atrelamento sindical, pelo direito de greve, etc.). Em segundo lugar, as lições clássicas do leninismo nos ensina que as reivindicações imediatas nascem da disposição prática das massas, não sendo possível resumi-las totalmente "a priori". Em terceiro lugar, cabe questionar os motivos desta falsificação das posições da O. por RV: por que o "discurso" do companheiro prefere ignorar as constantes defesas dos interesses parciais do proletariado, feitas pela PO em parte nas plataformas publicadas, tanto antes como depois do golpe, feitas em parte nas próprias frentes de luta? Por que RV ignora tudo isto para acusar a PO de "pedagogismo", "doutrinário", etc.?

A resposta não se encontra explícita. Os "anti-doutrinários" que defendem as "liberdades

⁵ Documento escrito por Eric Sachs ("Ernesto Martins"). Circulou em edição mimeografada, em maio de 1967, como documento interno da Polop. Incluído no livro "*Andar com os Próprios Pés*", Belo Horizonte, SEGRAC, 1994. Disponível em versão eletrônica em www.centrovictormeyer.org.br > Acervos > Arquivo Erico Sachs.

democráticas" precisam deixar esta questão numa espécie de zona de sombra. Mas o fato é que RV e, em geral os democratistas e os centristas, diluem a defesa dos interesses específicos do proletariado em nome da chamada "palavra de ordem tática", ou "palavra do ordem global", ou "tática global" etc. - a bandeira das liberdades democráticas, através da qual os proletários são convidados a confiar na democracia burguesa, a ir a reboque da burguesia.

A PO sempre defendeu e levantou nas suas frentes de luta (excetuando-se as fases esquerdistas recentes) os interesses imediatos da massa (na fase esquerdista, ignoramos as palavras do ordem práticas ou imediatas). O comp. RV ignora esta realidade, acusa-nos de fazer pedagogia no lugar de política, mas o faz porque perdeu de vista a importância dessas lutas na formação política da classe. Para fugir ao que chama do "doutrinarismo", RV só vê a opção das concessões à pequena-burguesia, de modo a formular uma política de frentes, onde a identidade das bandeiras proletárias é arrefecida, as reivindicações imediatas classificadas pejorativamente como "prática de massas espontaneista" - tudo em nome das liberdades democráticas.

Ressalte-se mais uma vez que a PO não exclui de sua plataforma bandeiras políticas parciais do proletariado, como a luta pelo sindicato livre e contra a lei de greve; o comp. RV sabe disto, e no entanto não se satisfaz. Interessa-o uma plataforma democrática, inscrita toda ela sob a tal bandeira tática das "liberdades democráticas", mas aí tudo muda de figura, pois passamos a defender uma plataforma limitada, toda ela, no terreno da sociedade burguesa. Reedita-se, nesta nova forma, o velho programa mínimo da 2ª Internacional, inserido no terreno da sociedade burguesa, incapaz de ir além, destinado historicamente a atrelar o proletariado à sociedade burguesa.

Possivelmente Raul Villa alegará que a democracia burguesa no Brasil é inviável, pois tal é o argumento de várias organizações ditas "anti-doutrinárias". Ou talvez diga algo mais diluído, como a referência feita na parte final do seu "balanço", de onde se deduz que a "luta contra a ditadura" cria uma dinâmica anticapitalista. Para nós, entretanto, a dinâmica anticapitalista da luta espontânea da classe operária é arrefecida e desviada sempre que as vanguardas pequeno-burguesas procuram inserir esta dinâmica num campo de lutas pelas "liberdades democráticas", uma vez que esta é a "tática" que insere e limita a dinâmica do MO no terreno da sociedade burguesa.

Para nós, cabe desenvolver a dinâmica da luta de massas a partir, obviamente, das suas forças motrizes - que são as condições da exploração capitalista. Interessa-nos desenvolver estas lutas apresentando palavras de ordem que correspondam aos seus interesses imediatos, mas agitando e propagando a perspectiva da revolução socialista, e esclarecendo o caráter de classe do Estado (inclusive da democracia burguesa).

A divergência e a cisão não se dá, portanto, ao opor o "anti-doutrinarismo" ao suposto "pedagogismo" da PO, como quer Raul Villa. A diferenciação entre as duas correntes se dá em dois planos; tanto ao nível da definição dos interesses específicos e imediatos do proletariado, que para nós representam a escola onde a classe operária se formará politicamente como classe, o que o democratismo e o centrismo diluem, como também ao nível da perspectiva do poder, da agitação e da propaganda, onde nos diferenciamos por não deixar qualquer dúvida sobre o caráter de classe da democracia e sobre o objetivo socialista da revolução.

Raul Villa, entretanto, preparou outra estocada, vinda de outra direção. Para ele a tarefa definida pela PO, de formar o proletariado como classe independente, seria entendida por nós como uma fase anterior à intervenção nas lutas. Diz RV:

Concebido desta forma, parece que nos defrontamos com duas dinâmicas distintas que correm paralelas e mal se tocam: a da luta de classes e da construção partidária e formação do proletariado revolucionário. Leváramos em conta as condições da luta de classes apenas para saber como efetuar o nosso trabalho de penetração na classe para a formação do "nosso exercito" mas enquanto não o temos formado não temos condições de intervir nessas lutas.

Em outras palavras, Raul Villa aí procede a mesma adulteração das teses básicas da O., conforme mostramos logo acima. Segundo a acusação que RV nos faz, a fase da preparação política do proletariado (penetração das posições socialistas e construção do partido) seria anterior à intervenção nas lutas, seria a fase da pedagogia. O que seria uma aberração se fosse verdade. O que sempre dissemos é que o proletariado se formaria como classe na escola das lutas pelos seus interesses imediatos, onde a vanguarda teria o papel de esclarecer as experiências e apresentar as palavras de ordem imediatas como intérprete da dinâmica real da classe. E sempre dissemos que tal ocorreria mediante a agit-prop dos fins do movimento, da tomada do poder na revolução socialista. Evidentemente, esta tomada do poder e esta revolução pressupõem a formação política do proletariado, pois não se poderá aproveitar uma situação revolucionária se não se conta com um proletariado consciente. Por outro lado, as posições básicas da PO esclarecem que a tomada do poder não pode ser tentada (na ação) fora de determinadas condições históricas. O que tem isso em comum com esta invenção de que separamos a formação política da classe das suas lutas?

A separação que de fato estabelecemos foi entre as necessidades da mobilização independente do proletariado e a intoxicação pequeno-burguesa que procura mantê-lo atrelado à burguesia. O comp. RV, que defende uma "plataforma tática" limitada no terreno da sociedade burguesa (plataforma das liberdades democráticas) certamente não poderia aceitar o nosso ponto de vista sobre a formação independente do proletariado.

Uma última questão deve ainda ser levantada. Trata-se de deixar bem claro a conceituação apresentada nos documentos básicos da PO sobre o que significa falar em "interesses específicos" do proletariado. Como a maioria dos críticos da PO, RV sugere que como tais apenas situamos as reivindicações econômicas do proletariado. Leia-se no parágrafo final do "Balanço":

Vendo o 'anticapitalismo' na luta econômica somada à propaganda socialista a PO simultaneamente trava uma luta ideológica sectária que se opõe à maioria da classe e quem na luta concreta, permanece aquém dela.

Esta falsificação nem chega a ser propriamente original. Em 1966, o documento "*Mais uma vez a pequena burguesia*" respondia a Ferdinando Machado sustentando a posição marxista clássica exposta por Marx na "Mensagem do CC à Liga dos Comunistas": os interesses específicos ou "especiais" do proletariado não são apenas as suas reivindicações econômicas, mas também políticas e sociais. Somente quem está interessado na política pequeno-burguesa, nas bandeiras universais e eternas que diluem a luta de classes, pode ignorar que o proletariado tem as suas reivindicações políticas próprias.

O doc. "*Mais uma vez a pequena-burguesia*" diz sobre isto:

Para os marxistas de todos os tempos as reivindicações específicas do proletariado não eram somente econômicas, mas igualmente sociais e políticas e eles combateram consciente e incessantemente a tentativa da pequena-burguesia de substituir as reivindicações, objetivos e métodos da luta proletária pelos seus próprios, como já demonstravam Marx e Engels no início do movimento operário.

Mas essa redução das lutas específicas do proletariado às lutas econômicas é um dos aspectos do posicionamento de RV sobre os conceitos estratégicos da PO. Um outro problema é a sua própria visão sobre as lutas econômicas. Afirma o Balanço: "*Porque 'luta econômica' não é uma 'luta anticapitalista'*".

O que implica sem dúvida numa inovação dentro do marxismo. Para Raul Villa, é a luta "anti-ditatorial", nos limites das liberdades democráticas, que em sua dinâmica traz os elementos para o questionamento do sistema capitalista. Um revisionismo já marcado sem dúvida por um grau razoável de elaboração idealista. Entretanto, para o marxismo, a luta econômica do proletariado cria, efetivamente, uma dinâmica que traz os elementos para o questionamento do sistema capitalista. Sem com isto esquecer as reivindicações sociais e políticas da classe, tal é a base materialista da estratégia marxista. É isto que nos ensina Lênin conforme disse sobre as lições de 1905:

...De onde se deduz com toda a clareza que só a luta econômica, que só a luta por um melhoramento direto e imediato de sua situação é capaz de por em movimento camadas mais atrasadas das massas exploradas, de educá-las verdadeiramente e de convertê-las - numa época de revolução -, no curso de poucos meses, em um exercito de lutadores políticos.

III. A problemática real de Raul Villa

Sob o título de "uma problemática real", RV conclui o seu Balanço prometendo apontar o rumo para uma "resposta positiva para a problemática ideológica da PO". Do ponto de vista teórico, porém, o que se segue é uma exposição antes de mais nada marcada pelo ecletismo. O trecho seguinte resume a colocação teórica da "problemática real" de RV:

Trata-se para nós de tomar o movimento real que expressa elementos de uma revolta anticapitalista - a disposição de luta contra a exploração capitalista, pela liberdade de manifestação e expressão, de fazer valer seus direitos no lugar de trabalho e na sociedade - e capacitar-se para dar-lhe uma expressão política, orgânica e ideológica, estendendo-lhe para as camadas mais atrasadas. Nós temos que ser os defensores conseqüentes da unidade proletária a partir dos interesses imediatos do proletariado.

Vendo o 'anticapitalismo' na luta econômica somada à propaganda socialista, a PO simultaneamente trava uma luta ideológica sectária que se opõe à maioria da classe e que, na luta concreta, permanece aquém dele. Porque 'luta econômica não é 'luta anti-capitalista'. Luta anticapitalista é aquela que se enfrenta ao sistema que garante a opressão e exploração da classe em seu conjunto. A luta do proletariado espanhol contra a ditadura franquista e pós-franquista é uma luta anticapitalista na medida em que sua dinâmica traz os elementos para questionar o próprio sistema capitalista e o mesmo podemos dizer da luta do proletariado

chileno ou boliviano. É justamente porque não há movimento anticapitalista que não seja um movimento contra o sistema de dominação existente, a autonomia operária não se forma fora da luta política. É só ao colocar a luta contra o poder burguês que o proletariado exerce sua hegemonia sobre um bloco popular revolucionário."

O primeiro dos dois parágrafos citados expressa uma posição marxista clássica. O comp. RV poderia ter notado que esta, aliás, é a referência geral da posição da PO, se não estivesse envolvido na tarefa de falsificar as nossas posições básicas. É próprio, porém, do ecletismo (forma teórica correspondente às posições políticas dúbias e centristas) adicionar lado a lado proposições clássicas com esta ou aquela matriz revisionista. Tanto que no parágrafo seguinte (o último), RV dilui o papel das lutas econômicas na criação de uma dinâmica anti-capitalista, e o faz de modo a elevar a importância de uma luta "anti-ditatorial", colocada em termos bastante suspeitos.

A colocação é suspeita por duas razões:

Primeiro, porque quando falamos em "luta anti-ditatorial", seja na Espanha, no Chile ou no Brasil, não se depreende daí, necessariamente, um movimento político classista bem identificado. Existe, a luta anti-ditatorial burguesa, existe a luta anti-ditatorial pequeno-burguesa (existe democracia burguesa e burguesia democrática). E não estamos tratando aqui de um mero leque de hipóteses no terreno teórico. Existe de fato, nas ditaduras abertas, uma oposição burguesa democrática e, nos momentos de crise das ditaduras, uma efetiva luta burguesa pela redemocratização. Falar por exemplo em "luta contra o franquismo" não representa nenhum esclarecimento sobre o caráter de classe desse movimento. E acrescenta-se que a terminologia, ou palavra de ordem, pelo seu amorfismo, é usada na prática (é esta a história real...) com a função de atrelar o movimento operário às expectativas de confiança na democracia burguesa.

Em segundo, lugar, a colocação é suspeita porque ignora um problema fundamental: nem sempre há uma luta do proletariado pelo poder. Somente em situações concretas bem determinadas a classe operária unificada consegue de fato abordar o poder burguês e impor a sua própria alternativa. O movimento comunista, presente no interior da classe operária, irá sempre propagandear a alternativa de poder (nós, por exemplo, propagandaremos a revolução socialista) – mas, como materialistas, nem sempre poderão afirmar que existe uma luta pelo poder. Democratistas e centristas hoje no Brasil, por exemplo, utilizam o pretexto de organizar o "movimento popular contra a ditadura", quando é notório que a classe operária, em seu dinamismo espontâneo atual, não coloca na prática uma abordagem ao poder político. A luta operária "anti-ditadura" não passa, portanto de uma colocação falaciosa que apenas oculta a participação – como apêndice – na luta burguesa e pequeno-burguesa pela redemocratização. Nas teses marxistas, as categorias políticas, tais como luta, etc., são usadas com um respaldo material e concreto. Acusar a PO de não organizar hoje a luta operária contra a ditadura, ou de não organizar hoje a hegemonia operária no "bloco popular", é uma crítica na melhor das hipóteses idealista, se não considerarmos os casos em que expressa uma ostensiva atitude política de desonestidade. A PO propagandeia uma alternativa de poder para a classe operária, mas não pode hoje organizar concretamente a luta pelo poder, simplesmente porque o movimento operário não propõe objetivamente e na prática (na atualidade) uma abordagem ao Estado. Os marxistas como disse Lênin, "não são Xerxes para chicotear o mar".

Embora o comp. RV e demais propositores da "luta contra a ditadura" não estejam propriamente chicoteando o mar, na prática estão desenvolvendo uma propaganda que alimenta, nos setores da classe atingidos, uma confiança na perspectiva democrática, uma ilusão quanto à conquista das "liberdades democráticas" – afinal de contas, uma mera reforma no sistema de dominação burguês.

Voltemos à "problemática real" de RV, tal como é exposta no terreno teórico. Raul Villa quer desencadear uma dinâmica na luta anti-ditadura, dinâmica esta que conteria elementos de questionamento ao capitalismo. O "modelo" pode ter sua lógica e suas articulações internas. Na prática, porém, a dinâmica é outra. Hoje, a classe operária dá seus primeiros passos em torno de reivindicações parciais. A "dinâmica anti-ditatorial" espelha-se, porém, muito concretamente, nos jornais e nas reuniões da burguesia e da pequena burguesia, onde a luta contra a ditadura de fato se desenvolve, trazendo de volta certas lembranças de 1945.

O "modelo teórico" de Raul Villa, além de eclético, é também ilusório, retrata uma realidade de forma mistificada. Indica uma linha de programação prática, mas esta "programação" não consegue explicitar seus verdadeiros objetivos, não diz a verdade sobre si própria. Para usar uma terminologia que já esteve em moda, trata-se de um "modelo alienado". Para usar uma terminologia marxista e militante, trata-se de um esquema oportunista. Ele apenas oculta um projeto prático de conciliação de classes.

Prossigamos. Outro aspecto "da problemática real" de RV é a sua visão sobre o caráter da revolução.

Como se sabe, é em função da caracterização da revolução que os marxistas orientam toda a sua atividade do agit-prop dos fins do movimento no seio nas massas. A PO define como socialista o

caráter da revolução brasileira, e nesse sentido orienta a agitação, a propaganda e a luta ideológica (onde se destaca, por exemplo, o combate aos que querem levar para a massa operária uma perspectiva limitada no terreno da sociedade burguesa).

Como RV se situa frente a esta questão?

Sem negar a tese da revolução socialista, seu posicionamento obedece às seguintes considerações:

Mas se queremos nos aproximar mais do problema teremos sempre que perguntar: de que revolução estamos falando? Existe efetivamente uma revolução em curso? Tratar todo o processo histórico como um 'processo revolucionário' só pode servir para diluir as coisas e perder a especificidade dos processos revolucionários.

Quando há processos revolucionários em curso poderemos definir empiricamente a sua natureza. Cuba a partir de 59, a Bolívia em 52, etc. Quando ainda não há deveremos deixar claro que ao dizer 'a revolução terá um caráter socialista' estamos dizendo que um processo revolucionário no Brasil só vencerá se tomar um rumo socialista.

Tratando-se de um balanço da PO, perguntaríamos a propósito de que vem estas filigranas teóricas. A PO nunca confundiu atualidade com tendências objetivas, sendo os textos de crítica ao militarismo bastante enfáticos neste ponto. O comp. RV inclusive participou da elaboração de críticas às análises militaristas, quando estes sustentavam idéias sobre uma pretensa "guerra revolucionária" no Brasil nos anos 69-70.

Não correremos, pois, o risco de simplificarmos a crítica a RV se concluirmos que o texto professoral acima transcrito visa na verdade deixar flancos abertos para a propaganda de uma plataforma democrática "enquanto a revolução não vem".

Pois o que a PO sustentou e sustenta pode ser resumida na célebre proposição de Guevara "Revolução Socialista ou caricatura de revolução". O que não quer dizer, evidentemente, que estejamos afirmando a existência hoje de uma guerra revolucionária ou de um "processo revolucionário em curso". Embora signifique, sem dúvida, que interpretamos a alegada "luta contra a ditadura" deflagrada pela burguesia e pela pequena-burguesia, e anunciada pelos arautos do democratismo e do centrismo, como uma caricatura de revolução. Interessa, porém, repetir que a preocupação de RV em conceituar "processo revolucionário" vem, no caso, como uma abertura de flancos para possibilitar a acolhida (no corpo de sua teoria) da plataforma democrática. E idêntica abertura se repetirá mais adiante, no seu artigo; trata-se do destaque dado às "particularidades do cada processo e de cada situação", que, segundo o mesmo RV, a PO costumaria "dissolver".

Está no seguinte trecho do Balanço:

É verdade que a totalidade industrial capitalista da sociedade brasileira redefine o sentido das suas particularidades pré capitalistas, mas não as dissolve. Do mesmo modo que a análise levou em conta os vários momentos até chegar à caracterização global, a caracterização global também terá que integrar esses vários momentos. De nada vale levar em conta as "contradições secundárias no momento da análise se depois de se ter o "resultado" - a caracterização socialista da revolução - nós ignorarmos a existência delas, que justamente dão as particularidades dessa revolução socialista.

Lembrando que Raul Villa desaprovou a "difícil digestão" dos nossos textos do período esquerdista, cabe de passagem observar que a sua incursão no terreno da metodologia não logrou produzir algo propriamente digestivo. Pelo visto, RV quer destacar as particularidades da revolução socialista no Brasil, o que poderia ter sido exposto de forma mais simples. Cabem, porém, duas observações sobre o trecho citado:

Primeiro: pelo que foi discutido um pouco mais acima, parecia que Raul Villa destacava o fato de não haver hoje um processo revolucionário deflagrado pelo proletariado brasileiro. Ora, sendo assim, impõe-se que a elaboração programática se dê ainda num nível geral. Esta reivindicação "por destaque das particularidades" causa, portanto certa estranheza. As particularidades dessa revolução socialista não podem ser definidas num esquema porque, infelizmente, a vanguarda marxista não tem poderes oraculares.

Se a preocupação de RV é a particularidade, atual, as tarefas atuais, então se trataria de discutir formas de atuação e de luta, tomando-se como já dada a orientação para a agit-prop - que deveria ser socialista e não democrática ou centrista. Mas não é disto que trata RV. O Balanço reclama pelas particularidades da nossa revolução num texto referente à análise da PO sobre a "totalidade industrial capitalista brasileira". É, portanto, ao nível de uma análise global da sociedade brasileira e do caráter da revolução, que Raul Villa exige, atualmente, uma indicação sobre as particularidades do processo. O problema entra assim, forçadamente, para dar status de rigor científico à plataforma dos direitos democráticos. Observe-se inclusive, que as assim denominadas "particularidades" não ficam

suficientemente esclarecidas. No seu novo modelo de revolução brasileira, basta a RV evocar a existência de obscuras particularidades, e certas contradições indefinidas, para se julgar apto a conciliar o programa socialista com uma "tática" de conciliação de classes.

Conclusão

Para reforçar a defesa da plataforma democrática, e para melhor expor a PO aos seus ataques, RV escreveu uma história da PO à sua maneira. Como já dissemos acima, o "balanço" não traz qualquer contribuição séria, não passando de uma exposição de fatos distorcidos no afã de tornar mais "definitiva" a pretensa crítica ao "doutrinarismo". Semelhante recurso só pode merecer a crítica radical de todos os combatentes interessados na elaboração de uma política proletária no Brasil, e que desejam fazê-lo através de métodos leninistas.

CN DA OCML-PO

(Publicado em Revista Marxismo Militante nº 5, maio de 1978).